

Uma Investigação Sobre o Ensino de Matemática no processo de nacionalização do ensino em São Mateus do Sul, Paraná

Rosane Sousa Staniszewski¹

GD05 – História da Matemática e Cultura

Resumo: Esta pesquisa faz parte do programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, e busca investigar como era o ensino da Matemática na cidade de São Mateus do Sul, no Paraná, na época da colonização dos poloneses. Para alcançar este objetivo, utilizaremos como metodologia a História Oral de Vida acompanhada de entrevistas, pesquisas e registros escritos. Unindo fontes orais – na forma de depoimentos – com fontes escritas, a pesquisa buscará elencar elementos relativos à escola e ao ensino da matemática no final dos anos trinta, época em que se instituiu a nacionalização no Brasil.

Palavras-chave: Educação Matemática; História Oral; Matemática Escolar; São Mateus do Sul.

INTRODUÇÃO

Nestes meus vinte anos de educadora matemática na cidade de São Mateus do Sul (PR) tive vários alunos de descendência polonesa, escutei muitas histórias de meu sogro que tem raízes polonesas e ouve atentamente o programa de rádio com músicas polonesas todos os domingos à tarde. Minha família sempre está presente nas festas e jantares típicos onde normalmente prevalecem as músicas, o hino e o Pai Nosso rezado em polonês. No interior da cidade, na colônia de Água Branca, está localizada a igreja centenária, que é ponto turístico da cidade. Todo o mês de agosto é dedicado à Polônia, à cultura e aos costumes através da apresentação de grupos folclóricos, exposições de fotos, bailes e jantares.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e-mail: zanestan@gmail.com

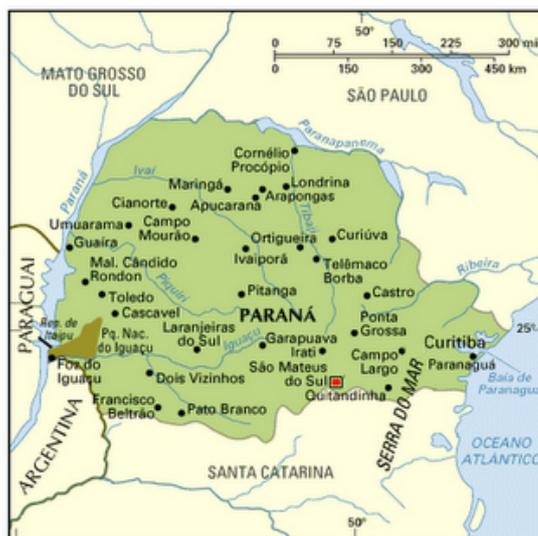
Por estar inserida neste cenário e ser uma educadora matemática, fiquei curiosa a respeito de como teria sido a educação dos primeiros colonizadores e como era ensinada a matemática nos tempos em que ainda se falava somente o polonês nas escolas. Há muitos esforços e tentativas em se preservar os costumes, a língua e a cultura polonesa, mas a respeito das escolas na época da colonização dos poloneses e como era o ensino há pouquíssimos registros documentais e materiais: apenas a construção de uma das escolas ainda está em pé.

Todo esse cenário trouxe inquietações que nos levaram a realizar uma pesquisa sobre o assunto. Neste texto situaremos a cidade num breve histórico, discorreremos acerca da chegada dos poloneses ao Brasil e as dificuldades para abrir e manter as escolas para os seus filhos, traremos informações sobre a nacionalização do ensino no Brasil e suas conseqüências e explicaremos a escolha da História Oral de vida como metodologia para compreender parte da História da Educação Matemática nesta localidade.

SISTEMA ESCOLAR E O ENSINO DE MATEMÁTICA

São Mateus do Sul está localizada a 150 km de Curitiba, no Paraná, e foi colonizada primeiramente por espanhóis e alemães, mas a chegada de imigrantes de procedência polonesa à cidade no ano de 1890, em número de 2000 famílias, estabeleceu de vez as raízes mais profundas dessa população.

Inicialmente, a economia da colônia baseava-se na agricultura e no extrativismo, principalmente da madeira e erva-mate, principais riquezas da região. Com o advento da navegação a vapor no Rio Iguaçu, São Mateus do Sul tornou-se o mais importante porto e centro comercial da região.



Foi transformada em município em 1908, pela lei 763 do dia 2 de abril, tendo sua instalação oficial se efetuado no dia 21 de setembro do mesmo ano. A vinda da empresa Petrobrás à cidade também ajudou no seu desenvolvimento, sendo hoje intitulada Capital do Xisto, Capital da Erva Mate e Capital Polonesa do Paraná.

Em nossa pesquisa procuraremos investigar e resgatar a memória desta comunidade colonizada por poloneses que, fugindo do domínio da Prússia e empolgados com a propaganda dos agentes do governo brasileiro e pelos corretores da agência de imigração, (que eram remunerados por cada imigrante recrutado), vieram em busca de uma terra de riquezas, sonhos e dias melhores. Gluchowski (2005) estima que, no ano de 1890, aproximadamente 60.000 poloneses tenham chegado ao Brasil, e o chamavam de “Nowa Polska” – Nova Polônia. Este período de maior fluxo de imigrantes das terras polonesas no Brasil ficou conhecido como “febre brasileira”.

Os imigrantes traziam na bagagem suas histórias e esperança por dias melhores. A maioria dos poloneses eram camponeses e só falavam a sua língua pátria, mas a necessidade de troca de produtos por outros bens e outros contatos com a sociedade exigiu que aprendessem a Língua Portuguesa.

Portelli (2010), analisando a situação da imigração na região da Itália central, atenta para o fato de que

Esses deslocamentos populacionais geram uma área urbana mista cultural e socialmente, que funde e transforma – às vezes com choques e conflitos – memórias, dialetos, estilos alimentares (...). Migrantes trazem seus costumes herdados, suas linguagens, suas histórias (PORTELLI, 2010, p. 121).

Em São Mateus do Sul, os poloneses se organizaram, construíram casas típicas enfeitadas com lambrequim², das quais algumas existem até hoje e por ser um povo de característica muito religiosa, construíram as igrejas, entre elas a igreja centenária da Água Branca que é ponto turístico da cidade. Atualmente continuam os esforços em manter vivos os costumes e a tradição polonesa trazida pelas gerações mais antigas. Todo o mês de agosto é dedicado à cultura polonesa com homenagens a padroeira polonesa Nossa Senhora de Czestochowa, apresentação de grupos folclóricos, palestras, bailes e jantar típico com a introdução do hino e a oração do Pai Nosso rezado em polonês.

2 - Lambrequim - Ornamentos de madeira que são colocados na beira de um telhado para dissimular goteiras ou canos.

Neste contexto, as famílias assumiam o papel de educar os filhos, sendo primordial transmitir a eles as culturas religiosas, os costumes e a língua. Para os imigrantes poloneses era importante também mandar seus filhos para a escola para serem alfabetizados. Porém, por falta de auxílio e interesse do governo brasileiro em relação aos problemas dos imigrantes, como a necessidade de construção de escolas, os colonos sentiram que deveriam agir por si. Assim, “eles mesmos em parte analfabetos, esforçaram-se e tomaram a iniciativa de proporcionarem a seus filhos ao menos o conhecimento das primeiras letras e as quatro operações de aritmética” (WACHOWICZ, 1970, p.20), criando as chamadas Escolas-Sociedade. Eram Sociedades Recreativas, aos domingos serviam de encontro das famílias que passavam a semana inteira no trabalho, locais em que comemoravam datas importantes, recebiam alguma autoridade e proporcionavam à juventude um lugar para se divertir. Os membros desta escola tinham que pagar uma taxa, por isso as festas e comemorações eram também uma fonte de renda para manter as despesas da escola e remunerar alguma pessoa que pudesse lecionar para as crianças da colônia.

Esta instituição mista, ou seja, escolar-recreativa, é a primeira manifestação coletiva da aculturação do imigrante polonês no Brasil, obrigado que era, por força das circunstâncias, a procurar uma solução de seus problemas e, simultaneamente, sua integração no novo meio físico e social (WACHOWICZ, 1970, p. 21).

No Brasil, era muito raro encontrar um professor polonês formado, por isso, no início, os membros das Escolas–Sociedades escolhiam pessoas da própria comunidade que fossem considerados mais desenvolvidos por saber ler e escrever bem em polonês para assumir provisoriamente esse papel. Valquíria Renck (2009), em sua tese “Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná”, afirma que, além de aprender a escrever e ler, os alunos aprendiam os cálculos matemáticos em língua eslava.

Tanto pelo tema como pela utilização da História Oral como metodologia, o trabalho de Rosinete Gaertner (2004) nos traz importantes contribuições. Esta tese, intitulada “A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 e 1968, da Neue Deutsche à Fundação Universal Regional de Blumenau”, informa que o ensino de alemão e aritmética em Blumenau no mesmo período também era prioritário nas primeiras séries de estudo, tendo o período escolar, na maioria dos estabelecimentos, duração que variava entre 4 e 6 anos .

Pela falta de professores e por ter como característica principal do povo polonês a religião, a partir de 1904, as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paula vieram da Polônia e se estabeleceram na área urbana em vários municípios do Paraná, entre eles São Mateus do Sul (1908), onde mantinham escolas polonesas e religiosas de grau primário. Estas escolas tinham o prestígio dos colonos, pois eles confiavam nas religiosas, não precisavam se preocupar com a troca de professores e manutenção da escola e por isso eram mais baratas que a Escola-Sociedade.

NACIONALIZAÇÃO

Em 1917, houve uma primeira tentativa por parte do governo brasileiro em nacionalizar o ensino. As escolas particulares estrangeiras que funcionavam no Estado deveriam ser obrigadas a ensinar em língua vernácula a História do Brasil, Corografia do Brasil e a Língua Portuguesa. A respeito da Matemática, Wachowicz (1970) considera curioso o fato de que a cadeira de aritmética era considerada pesada na escola primária, e para obter uma compreensão mais rápida e perfeita por parte dos alunos, o ensino tinha que ser realizado de forma bilíngue.

Segundo Gaertner (2004) em 10 de novembro de 1937, por um golpe de Estado, Vargas instaura a ditadura e impõe ao país profundas medidas estruturais, alegando que o objetivo principal era criar o sentimento de brasilidade. Ela acrescenta que com a nacionalização centenas de escolas comunitárias particulares foram fechadas.

O processo da nacionalização das escolas dos imigrantes no Brasil (1937-1945) desta vez foi imposto de forma mais radical, fechando escolas e outras instituições de caráter étnico. A partir desta data, os professores deveriam ministrar as aulas apenas em língua nacional. Ante o desconhecimento ou pouca familiaridade com português, muitos professores precisavam traduzir as lições da língua nacional para a língua étnica e passaram por dificuldades de adaptação. Em muitas comunidades foram construídas escolas públicas e todas passaram a ensinar em língua nacional, trazendo consequências desse processo para a cidadania dos imigrantes. Nas escolas públicas, as crianças de descendência polonesa eram chamadas pelas outras de “polacos” de forma pejorativa.

Muitas medidas repressivas foram tomadas a quem não cumprisse a lei, como a prisão de professores, vistoria do material escolar, presença de policiais nas casas, destruição de obras literárias e documentos históricos. Era proibida a utilização do idioma estrangeiro em lugares públicos.

Criou-se um clima de tensão e medo na região colonial dos imigrantes, e a identificação étnico-cultural e religiosa passou a viver tempos emudecidos, tendo que esconder sua própria identidade.

Foram muitos os esforços do governo federal e estadual para nacionalizar a infância e a juventude, por meio da escola, durante o Estado Novo. No espaço da escola, respeitava-se a legislação, e os professores evitavam falar ou ministrar aulas em língua estrangeira (...) Mas nem por isso deixou de haver resistências ante a adoção da língua nacional. Apesar da legislação em vigor, as comunidades não abandonaram o legado cultural. Frente à imposição de medidas que objetivavam a formação do cidadão nacional, nas escolas os alunos cantavam vários hinos brasileiros, aprendiam a língua nacional, festejavam as datas festivas do país, mas não esqueciam a cultura do grupo, suas manifestações e representações (RENCK, 2009, p. 213).

A forma radical como foi implantada a nacionalização de Getúlio Vargas, no final dos anos trinta – aplicada também a imigrantes de outras nacionalidades –, que já eram de certa forma marginalizada, deixou marcas guardadas na memória das pessoas que vivenciaram esse momento até os dias de hoje.

HISTÓRIA ORAL

Com o objetivo de constituir uma versão da História da Educação matemática na região de São Mateus do Sul, uma possibilidade seria nos ater aos documentos escritos. No entanto, além de serem poucos, pois muitos foram destruídos, nos apresentariam apenas uma versão da história. Desta maneira, optamos também pela utilização de fontes orais, nos valendo da metodologia da História Oral.

Segundo Meihy (2002), História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e planejamento. É uma prática de apreensão de narrativas que são documentadas através da gravação em aparelhos eletrônicos de entrevistas que são recolhidas em forma de testemunhos e depois transformadas em textos escritos.

Ela surge como uma metodologia de pesquisa nos anos 50 nos Estados Unidos, Europa e México. No Brasil, a História Oral foi inserida nos anos 70 e difundida principalmente na década de 90.

A utilização da História Oral, como metodologia de pesquisa, exige um conjunto de procedimentos descritos por Garnica (2003):

(...) uma pré-seleção dos depoentes – ou um critério significativo para selecioná-los – entrevistas gravadas – gravações essas que se constituirão no documento-base da pesquisa –, instâncias de transformação do documento oral em texto escrito – conjunto de processos distintamente denominado e conceituado nas investigações sob análise (fala-se em transcrição, de-gravação, transcrição e textualização) –, um momento que poderia ser chamado ‘legitimação’ – quando o documento em sua versão escrita retorna aos depoentes para conferência e posterior cessão de direitos de uso pelo pesquisador e, finalmente, um momento de ‘análise’ – certamente o de mais difícil apreensão (GARNICA, 2003, p. 10).

Contudo, deve-se estar atento a respeito dessa análise, como destaca Bloch (2001, p.30), ao afirmar que o objetivo da “análise histórica é compreender, e não julgar”. Segundo o autor, a história é movimento e o seu objeto é o homem em seu tempo e espaço, sendo demarcada pelos problemas sociais e pela história da própria época em que é escrita. Dessa maneira, o conhecimento histórico do passado não é fruto do estudo de fatos isolados e cristalizados, mas, sim, um processo inacabado, que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente. No entanto, para Bloch (2001), o presente não é justificado por suas origens, mas não se pode também negligenciá-las, e nem estas justificam a permanência (de determinados fenômenos), mas permitem compreender os mecanismos que conceberam as estruturas constituídas ao longo do tempo. Ele também considera que o tempo da história é “o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e o lugar de sua inteligibilidade” (2001, p. 55), sendo possível, assim, fazer uma história do passado recente.

Nesta perspectiva, a História pode ser feita com todos os documentos que representam vestígios da passagem do homem, pois o historiador não pode desistir diante das lacunas com as quais se depara: necessita preenchê-las recuperando expressões e palavras que ficaram emudecidas e perdidas no tempo.

Gaertner, ao se reportar a História Oral afirma que:

a História Oral, além de utilizar depoimentos que possibilitam uma composição mais nítida de cenários e paisagens da história, delineando com maior riqueza os detalhes, traz à tona outra questão que consideramos não menos importantes: o resgate da palavra, do dito, da oralidade (GAERTNER, 2004, p. 153).

Com objetivo de retratar um dos cenários marcantes para a cultura e história da comunidade são-mateuense e região dentre os ramos da História Oral – a saber: História Oral de Vida, História Oral Temática e a Tradição Oral –, escolhemos utilizar a História

Oral de Vida como metodologia de nossa pesquisa por perceber que através dela haverá mais possibilidades de englobar nas narrativas o conjunto de experiências vividas pelo indivíduo, dando mais liberdade ao entrevistado para dissertar o mais livremente possível sobre suas experiências pessoais. Nessa metodologia, o pesquisador interessa-se pelo que o entrevistado conta de sua vida como uma totalidade. Infância, adolescência, juventude, velhice, hábitos, vida profissional e pessoal compõem uma rede na qual se encontram percepções e construções do espaço e do tempo vividos, trazendo à luz informações e sentimentos relevantes ao conjunto da pesquisa.

Procuraremos organizar essa busca por meio de entrevistas com pessoas que estavam na escola no período de nacionalização, e verificar qual representação teve o ensino da Matemática, se ela foi uma linguagem significativa para esses alunos que devem estar hoje com mais de oitenta e cinco anos. Levando-as a resgatar a memória individual, os depoimentos acabarão por constituir juntos a memória de um coletivo, interligando os documentos escritos com os depoimentos orais. A vida, as experiências, as lutas e as visões de mundo adquirem um novo estatuto ao serem socializadas, sendo convertidas em documentos que podem apresentar, de maneira contextualizada, uma outra – nova ou complementar – versão da história, dando voz para que essas pessoas possam deixar registradas às próximas gerações suas memórias, sentimentos e percepções de si e dos outros. Será possível, assim, resgatar uma parte da história importante para a cultura do povo são-mateuense e outras etnias que se instalaram no Brasil e que trazem um significado relevante na história da Educação Matemática.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muitas pessoas não percebem que a paisagem hoje constituída surgiu de histórias vividas por várias gerações. Por isso, entendemos que seja de extrema importância tentar compreender qual o papel da educação neste contexto, e quais as formas de resistências das escolas étnicas ante o processo de nacionalização. Há várias tentativas de se preservar a cultura polonesa na cidade de São Mateus do Sul, mas onde se encaixa o papel da Educação Matemática na cultura desse povo de descendência polonesa? Que valor é atribuído a ela?

Algumas barreiras estão surgindo na busca por colaboradores, pois muitos indivíduos hoje idosos foram para a escola mais tarde ou não passaram pelo período de nacionalização. Encontramos uma senhora de 96 anos e realizamos nossa primeira

entrevista. Ela se lembrava da escola, da professora que era freira e severa, da caminhada de 4 km que tinha que fazer todos os dias até a escola, mas não recordava o que e como ela aprendeu Matemática. Para ela teve muito mais representação as aulas de teatro do que as de Matemática, por exemplo.

A partir dessa entrevista, surgem novas indagações (des) norteadoras. Será que os outros colaboradores irão falar sobre a Matemática? E se eles não falarem? Qual o significado que esta disciplina teve, se teve, em suas vidas? Todos estes fatores nos instigam cada vez mais a prosseguirmos em busca não de verdades, mas de versões históricas que nos permitam compreender melhor o que ocorreu localmente, esperando ampliar também o entendimento sobre a Educação Matemática brasileira na época da nacionalização.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GAERTNER, R. **A Matemática Escolar em Blumenau (SC) no Período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau** (Tese de doutorado). Rio Claro, 2004.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Zetetiké**. Campinas: Unicamp v.11, n19, jan/jun. 2003.

GLUCHOWSKI, K. **Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil**. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RENCK, V. E. **Aprendi a falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná**. (Tese de Doutorado). Curitiba: UFPR, 2009.

WACHOWICZ, R. C. As escolas da colonização polonesa no Brasil. In: **Anais da comunidade brasileiro-polonesa**. Curitiba: Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná. v. 2, 1970. p. 13-110.